



Diadorim – anjo ou demônio?

Cristiane Alves*

Resumo: O objetivo deste ensaio é investigar em Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa, a personagem Diadorim, verificando sua influência sobre Riobaldo e o seu papel na sociedade patriarcal do sertão.

Abstract: The aim of this essay is to investigate in Grande Sertão: Veredas, by Guimarães Rosa, the character Diadorim, checking her influence on Riobaldo and her role in the patriarchal society of the hinterland.

Palavras-chave: Grande Sertão Veredas; Personagens Femininas; Diadorim

Keywords: Grande Sertão Veredas; Female characters; Diadorim

Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins/Diadorim desde cedo descarta o seu papel de mulher, por imposição ou sugestão do pai, que diz que ela “carece de ser diferente, muito diferente”. Assim, abafando sua porção feminina e, utilizando uma verdadeira armadura viril, “macho em suas roupas e suas armas” (ROSA, 2001, p. 511), encobre a real identidade, encarna o papel do jagunço Reinaldo e segue pelas trilhas do sertão junto do bando de Joca Ramires.

Toda a “carapaça” utilizada pela moça, entretanto, não consegue apagar a sua natureza feminina, natureza esta que aguça em Riobaldo um amor incompreensível e perturbador, que há de acompanhá-lo feito sombra, provocando um constante desassossego, uma vez que ele desconhece sua identidade feminina e pensa estar amando alguém de natureza igual a sua – um homem. Contudo, muito embora Riobaldo não veja uma mulher diante de si, pois ela se apresenta externamente travestida em homem-jagunço, algo em seu íntimo antevê – “O corpo não traslada, mas muito sabe, adivinha se não entende” (ROSA, 2001, p. 45) – o que somente ao final irá se descortinar diante dos seus olhos; algo em seu ser aponta na direção daquela que poderia ter sido a sua companheira, a sua mulher, mas que “não foi, não é, não fica sendo” (ROSA, 2001, p. 614), porque o destino lhe reservava outros caminhos.

O princípio feminino em Diadorim, mesmo sufocado pelo masculino que a moça se vê obrigada a adotar, impõe o caráter sedutor, o feitiço inerente a todas as mulheres desde a origem. Dessa forma, seu corpo, seu cheiro, suas maneiras, tudo encanta, perturba, desvia,

* Pesquisadora voluntária no projeto "A narrativa medieval: história, literatura e imaginário" sob orientação da profª Drª Elisabete Carvalho Peiruque.

desperta os sentidos. Ainda menino(a), enfeitiça Riobaldo ao desvendar-lhe um mundo antes ignorado, repleto de cores, sons e perfumes¹, dominado pela graça e o encanto das flores e das aves.

Foi o menino quem me mostrou. E chamou minha atenção para o mato da beira, em pé, paredão, feito à régua regulado. – “As flores...” – ele prezou. No alto, eram muitas flores, subitamente vermelhas, de olho-de-boi e de outras trepadeiras, e as roxas, do mucunã, que é um feijão bravo; [...] Um pássaro cantou. Nhambú? E periquitos, bandos, passavam voando por cima de nós. Não me esqueço de nada, o senhor vê. Aquele menino, como eu ia poder deslembrar? (ROSA, 2001, p. 120)

O contato com o “menino”, entretanto, não abrirá apenas as portas de um mundo belo e encantador a Riobaldo. Bastante revelador, o primeiro encontro dos dois dará mostras do caráter ambíguo de Diadorim e antecipará o porvir de Riobaldo. Quando as águas claras do rio de-Janeiro são subitamente puxadas pelo rio São Francisco “todo barrento vermelho”, é como se uma profecia se delineasse, marcando-lhe o destino, adiantando a “feiúra”, os horrores que o futuro lhe reservava.

A travessia do rio, aliás, apresenta um importante valor simbólico, relacionado ao elemento *água*. Manfred Lurker (1997, p. 6) esclarece que “a água é equiparada ao caos e à matéria primeva por não possuir forma”, conceito que muito bem se aplica à personagem Diadorim, cuja “forma” não resta clara, marcada que é pela indefinição da androginia. Também acrescenta Lurker que “a água tem uma relação especial com a lua, ambas são símbolo de vida, morte e renascimento” (LURKER, *ibidem*). Realmente, em *Grande sertão: veredas* a travessia pelas águas do São Francisco representa, de certa forma, o renascimento de Riobaldo que, em uma espécie de rito de iniciação, passa “da preexistência para a existência, com a aquisição da capacidade contemplativa”, como aponta José Carlos Garbuglio (1972, p. 65), que assinala, ainda, uma certa inversão da antiga prerrogativa na qual a água possui valor de santificação e purificação. Conforme o autor,

[...] as águas turvas e barrentas do São Francisco invertem as prerrogativas tradicionais quando simbolizam a perda da pureza inicial e mostram a contaminação do homem pelas forças obscuras que o passam a dominar. (GARBUGLIO, 1972, p. 59).

A travessia de Riobaldo, com efeito, representará uma descoberta do mundo que, até então, lhe era ignoto; que não houvera ainda sido percebido em toda a sua dimensão e força. Lembra, em certa medida, *Primeiras Estórias*, no qual os contos *As Margens da Alegria* e *Os Cimos* ressaltam o olhar espantado do menino perante o mundo, o seu maravilhamento

¹ Já aí se pode antever o mal, que através do belo e encantador, cercará Riobaldo, atraindo-o, enredando-o. Os inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger (1991, p. 143), ao tratar, no *Malleus Maleficarum*, dos encantamentos e ilusões, citam o que diz S. Agostinho no Livro LXXXIII: “o mal diabólico se insinua por todas as vias sensoriais: faz-se conhecer em formas, recobre-se de cores, manifesta-se em sons, embosca-se em perfumes, infunde-se em sabores.”

perante o universo novo e colorido, onde se misturam florestas verdes, pássaros com plumagens coloridas, vaga-lumes, “estradas de não parar” e “nuvens de branco esgarçamento”. Para Riobaldo, porém, não há somente o encantamento, o belo, há também o obscuro, o nefasto². Assim como as águas claras e mansas podem subitamente se revelar turvas e violentas, também o “menino” que o encantara com sua beleza e sensibilidade, há de revelar uma face sanguinária e fria, bem como uma perturbadora coragem, com a qual é capaz de rasgar a ponta de faca, e sem nenhum titubeio, qualquer um que venha a ameaçar-lhe.

O menino abanava a faquinha nua na mão, e nem se ria. Tinha embebido ferro na côxa do mulato, a ponta rasgando fundo. A lâmina estava escorrida de sangue ruim. Mas o menino não se aluía do lugar. E limpou a faca no capim, com todo o capricho. – “Quicé que corta...” – foi só o que disse, a si dizendo. (ROSA, 2001, p. 124)

Diadorim, dúvida sempre, é quem há de despertar a atenção de Riobaldo para as ambigüidades circundantes, o claro e o escuro; o amor e o ódio; o bem e o mal; tudo misturado, tudo coexistindo; o caos promovendo a ordem – e até mesmo Deus “manobrando por intermédio do *diá*”. Assim, não espanta que a mesma personagem que lhe ensina a apreciar “as belezas sem dono” (ROSA, 2001, p. 42), a admirar a natureza com seus sons, aromas e matizes, irá conduzir Riobaldo rumo a crueza, a aspereza do sertão e seus (des)rumos.

Diadorim, encantadora, tentadora, fascina Riobaldo, seduz o jagunço e arrasta-o para trilhas de sangue, dor e desolação, nas quais encontra-se mergulhada buscando limpar o sertão e vingar a morte do pai. Como diz Antônio Cândido (1977, p. 194), “Diadorim, andrógino e terrível como os anjos, primeiro trouxe-o para o bando, depois contaminou-o com o seu projeto de vingança”. Diadorim, diabólica, com toda a malícia e astúcia de mulher atrai Riobaldo, e toma-lhe o sossego, o pensamento, o entendimento.

Mais eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. (ROSA, 2001, p. 162-163)

Vestida de homem ou não, o fato é que Diadorim é mulher e, tal como se pensava na Idade Média, a mulher é a mais perigosa de todas as armadilhas, porque ela é uma armadilha do demônio que, com o seu auxílio, enreda, enfeitiça, prende nas suas teias os homens

² Riobaldo, em certa medida, é um Adão a descobrir-se nu pela primeira vez. Finalmente tem consciência de si e do mundo à sua volta e, uma vez experimentado o “fruto do conhecimento”, virá a conhecer também o sofrimento, a angústia, a adversidade e o perigo. Ainda, é oportuno lembrar, conforme assinala Kathrin H. Rosenfield (1992, p. 29) “que nossa cultura veio a associar intimamente o pecado sensual com o pecado intelectual: a sedução de Adão por Eva passa pelo desejo de igualar-se a Deus, isto é, de saber a distinção do bem e do mal”. Partindo dessa premissa, é possível afirmar que Diadorim não somente conduz Riobaldo ao conhecimento, como também à descoberta dos impulsos sexuais.

desprevenidos. Ao homem basta contemplá-la, ouvi-la, sentir-lhe o perfume, e já estará dominado, entregue, perdido:

Pois se a mulher enquanto alma sensível está associada à sensualidade, ou seja, à possibilidade de engendrar concupiscência, então até mesmo percebê-la, como assevera Crisóstomo, ameaça privar a alma da razão (BLOCH, 1995, p. 39).

À Diadorim, mulher, fêmea tentadora, bastava a existência, ainda que “todo apertado em seus couros e roupas” (ROSA, 2001, p. 312), para desassossegar Riobaldo, confundi-lo, desatiná-lo, e despertar-lhe aquele gostar condenado. Diadorim, que conforme Benedito Nunes (1969, p. 144) “infunde-lhe uma paixão equívoca, vizinha do estado de confusão e encantamento atribuído ao Maligno ou a poder do Destino”.

Riobaldo olha, olha, torna a olhar, mas não entende, não consegue alcançar o como e o porquê de tamanho desatino por conta de um jagunço, de um “macho em roupas e armas”; e mais olha, e mais não entende; e mais se desassossega, uma vez que tudo o que vê diante de si é um guerreiro bravo, masculino no vestir e no guerrear, mas de onde, então... De onde emanava tanta sedução, tanto poder e encantamento? Só podia mesmo ser feitiço. “Feitiço, artes e partes do Demo, astúcias do Maligno” como já dissera Benedito Nunes (ibidem).

Entre os preceitos acerca dos feitiços e encantamentos dos quais os homens se deveriam acautelar, os inquisidores chamavam a atenção, no período de caça às bruxas, para o poder de algumas mulheres de lançarem feitiço sobre outras pessoas por meio do olhar, no qual, segundo S. Tomé, “se pode concentrar uma certa força sutil”³. Em *Grande Sertão Veredas*, não por acaso, é frequente, nas lembranças de Riobaldo, a alusão aos olhos de Diadorim:

Que vontade era de pôr meus dedos, de leve, o leve, nos meigos olhos dele, ocultando, para não ter de tolerar de ver assim o chamado, até que ponto esses olhos, sempre havendo, aquela beleza verde, me adoecido, tão impossível. (ROSA, 2001, p. 62)

Eu vi o rio. Via os olhos dele, produziam uma luz. (idem, p. 121)

Naqueles olhos e tanto de Diadorim, o verde mudava sempre, como a água de todos os rios em seus lugares ensombrados. Aquele verde, arenoso, mas tão moço, tinha muita velhice, muita velhice, querendo me contar coisas que a idéia da gente não dá para se entender – e acho que é por isso que a gente morre. (idem, p. 305)

O senhor saiba – Diadorim: que, bastava ele me olhar com os olhos verdes tão em sonhos, e, por mesmo de minha vergonha, escondido de mim mesmo eu gostava do cheiro dele, do existir dele, do morno que a mão dele passava para a minha mão. (idem, p. 505)

³ “É desse tipo de fascinação que falavam Avicena e Al-Gazali. S. Tomás também lhe faz menção, Parte I, questão 117. Diz ele que a mente de um homem pode ser influenciada pela de outra pessoa, e que a influência exercida sobre outrem muitas vezes provém do olhar, porque no olhar se pode concentrar uma certa força sutil. (...) Podemos afirmar que, muitas vezes, esse fenômeno é natural, permitido por Deus; por outro lado, pode ser também que esses olhares malévolos sejam inspirados pela malícia do Diabo, com quem essas velhas bruxas terão firmado um pacto secreto.” (KRAMER e SPRENGER, 1991, p. 71)

Os olhos – vislumbre meu – que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto. (idem, p. 511)

Além disso, cumpre ressaltar – e a artimanha aqui não é apenas do “maligno”, mas também do mago Guimarães Rosa – que os olhos de Diadorim, taticamente, são verdes, “cor da expectativa, da Esperança, do estar a caminho” (LURKER, 1997, p. 747), mas cujo simbolismo também remete, em sentido negativo, ao veneno e à morte. Lembremos que o basilisco, serpente fabulosa, possuía olhos verdes e seu olhar era capaz de matar. Ainda, “na crença popular e na literatura (J. Gotthelf, *A Aranha Negra*), o diabo aparece muitas vezes como ‘o verde’” (ibidem).

O próprio Riobaldo se pergunta (ou adivinha?) se aquele amor, que o punha doente, poderia vir do demônio: “o amor assim pode vir do demo? Poderá?! Pode vir de um-que-não-existe?” (ROSA, 2001, p. 155). Por vezes, o jagunço parece mesmo ter certeza:

E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu esparecia, aí riço comigo renegava. Muitos momentos. (...) Sempre. Do demo. (idem, p. 163)

Também, a maneira como o jagunço se refere ao diabo – *diá* – não por simples coincidência, é o mesmo diminutivo pelo qual chama por Diadorim, certa vez:

Diga o senhor, sobre mim diga. Até podendo ser, de alguém algum dia ouvir e entender assim: quem sabe a gente criatura ainda é tão ruim, tão, que Deus só pode às vezes manobrar com os homens é mandando por intermédio do *diá*? (idem, p. 56).

[...] Mas, porém, quando isto tudo findar, Diá, Di, então, quando eu casar, tu deve de vir viver em companhia com a gente, numa fazenda, em boa beira do Urucúia [...] (idem, p. 604)

O que reforça ainda mais a possível origem diabólica daquele sentimento de Riobaldo é que, como bem lembra Benedito Nunes (1969, p. 144), o encantamento por Diadorim somente se desvanece no final do romance, quando Hermógenes, a própria encarnação do diabo, é finalmente destruído. Cumpre lembrar que, de acordo com S. Tomás, qualquer encantamento

[...] pode ser permanente se para curá-lo não houver remédio humano; ou se, havendo tal remédio, não é conhecido dos homens ou é ilícito; não obstante, Deus pode encontrar o remédio por meio de algum Anjo santo capaz de reprimir o demônio e talvez a bruxa. (KRAMER, 1991, p. 145-146)

Em *Grande Sertão* não havia remédio, não havia Anjo santo, havia apenas “*o diabo na rua, no meio do redemunho...*” (ROSA, 2001, p. 611) e, para neutralizar o demo e seu poder, para aniquilar o Judas, só mesmo Diadorim – anjo ou demônio? Diadorim era feita de amor ou só conhecia mesmo era o ódio? A ambigüidade sempre presente, que em Diadorim não se define. Diadorim é o falso, o dúbio, o escondido, é a neblina...

Se através de Diadorim o olhar de Riobaldo se abre para um mundo novo, também é através dela que sua alma se abrirá para o desequilíbrio, para a angústia do “não-saber e querer”⁴, que há de acompanhá-lo feito sombra, a figura de Diadorim a aparecer e desaparecer:

Diadorim desconversou, e se sumiu, por lá, por aí, consoante a esquisitice dele, de sempre às vezes desaparecer e tornar a aparecer, sem menos. Ah, quem faz isso não é por ser e se saber pessoa culpada? (ROSA, 2001, p. 78)

Culpada... Diadorim era e se sabia culpada, mas de quê? De ser mulher, é claro. Como mulher, é uma filha de Eva, a responsável pela expulsão do Paraíso. Sendo mulher, não tem como fugir à sua culpa. É dela, pois, que advirá a dor, o sofrimento. A mulher é fadada a carregar a culpa e as dores do mundo porque “não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher é que, enganada, ocasionou a transgressão” (1 Timóteo 2, 14).

No caso do *Grande Sertão*, embora o pactário Hermógenes, o Judas, tenha incitado o ódio com a sua traição, é de Diadorim que brota a sede de sangue, é ela quem irá conduzir Riobaldo à guerra e ao ajuste com o diabo. Diadorim, que “suspitava de ódio, como se fosse por amor” (ROSA, 2001, p. 46) é quem conduz Riobaldo a desafiar o poder divino e entregar-se ao mal, a oferecer a sua alma e render-se ao pacto com o maligno, assim como Eva levou Adão a desobedecer a Deus e provar do fruto proibido. Se a Virgem Maria era a “mediadora”, espécie de elo entre Deus e os homens, Diadorim há de perfazer o caminho inverso, servindo de ponte entre Riobaldo e o diabo.

Mas se Diadorim é ódio, é vingança, Diadorim é também justiça⁵. Sua “missão”, antes de tudo, é continuar a obra do pai, Joca Ramiro, e limpar o sertão, bem como eliminar os traidores, os “hermógenes”, os “Judas”, vingando a morte do grande líder, empreitando verdadeira façanha de herói medieval. Diadorim, aliás, “sempre atencioso, esmarte, correto em seu bom proceder” (idem, p. 202), reúne todas as características do herói: bons atributos morais, porte, beleza física, além da linhagem (eis que descendente do chefe Joca Ramiro) e a inquestionável coragem, como o próprio Riobaldo atesta: “o único homem que a coragem dele nunca piscava” (idem, p. 208).

Enquanto mulher, todavia, não pode alcançar seus propósitos, eis que “às mulheres é proibido fazer correr sangue” (DUBY, 1997, p. 144). O papel da mulher é tão somente servir ao homem, caso não sirva a Deus; para tanto a mulher foi criada: para companhia do homem, sempre submissa, sempre em segundo plano⁶. Como lembra Suzi F. Sperber,

⁴ “Diadorim me veio, de meu não-saber e querer. Diadorim – eu adivinhava”. (ROSA, 2001, p. 326)

⁵ José Roberto Mello (1992, p. 74) aponta, aliás, que “vingança e justiça são sinônimos na Idade Média”.

⁶ A própria Diadorim afirma: “Mulher é gente tão infeliz...” (ROSA, 2001, p. 188).

[...] concede-se à mulher no máximo a função de mediadora. Mas não tem o direito de ser o sujeito de seu destino; (...) o seu papel na sociedade não se renova. Ela será sempre a segunda, ainda que heróica. (SPERBER, 1982, p. 95).

É do homem, sempre do homem, o papel principal, a guerra, a caça, o poder de mando, enfim, as rédeas do destino – dos seus servos, dos seus filhos e, principalmente, da mulher que estiver sob seu controle, em sua posse.

Como mulher, e uma vez que houvesse sido dada em casamento, incumbiria ao homem, ao marido, combater em seu nome⁷, mas como tal não aconteceu, e Diadorim é, ao que tudo indica, a única descendente do chefe Joca Ramiro, só lhe resta assumir a condição masculina e, sob este manto viril, encarnando a figura do jagunço Reinaldo, vai ela mesma vingar a morte do pai e honrar seu nome.

O motivo é justo e a empreitada é necessária, mas, ao fazê-lo, Diadorim rompe com a ordem “natural” reinante no sertão. Ao vestir-se de homem, ao pegar em armas e destruir o inimigo, Diadorim quebra os – já há muito tempo definidos – papéis e lugares cabíveis ao homem e à mulher⁸. E, nesse ínterim, qual papel lhe pertence: homem ou mulher? Jagunço ou Donzela? Em Diadorim não há resposta. Nela o masculino e o feminino se fundem, se confundem. Como a Istar babilônica, “deusa dos homens e das mulheres” (LURKER, 1997, p. 27), Diadorim está para a guerra tanto quanto está para o amor. Não se resolve e, portanto, transgride, subverte. Desempenhando o papel de homem, foge ao seu lugar vital, desatende ao papel que lhe compete, qual seja o de esposa, de mãe, de mulher. Nem homem, porque nascida fêmea; nem mulher, porque não desposada, não fecundada; simplesmente ela “é marginal no meio em que vive” (SPERBER, 1982, p. 94). Diabólica ou divina, para Diadorim não há lugar no mundo.

Enquanto guerreira, Diadorim atenta contra os códigos feudais, vigentes ainda naqueles confins, nos quais só há espaço para o masculino, para o viril. Como mulher, destoa completamente do modelo feminino desejável – submissa, dócil e servil. Sendo fêmea, desatende ao imperativo patriarcal, ao qual “era imprescindível a existência de um filho varão para dar continuidade à linhagem de sangue e, conseqüentemente, ao poder familiar” (DACANAL, 1995, p. 47)⁹; sem perpetuar os domínios e o nome dos Bettancourt Marins,

⁷ DUBY (1997, p. 144) explica o costume medieval: “Quando uma mulher herda de seu pai o poder de comando, incumbe a um homem, o marido a quem foi dada, manejar a espada em seu nome, ou antes em nome dos meninos que ela pôs ou que porá no mundo, até o dia em que eles forem capazes de tomar o gládio nas mãos”.

⁸ O historiador Georges Duby lembra que “Joana d’Arc foi condenada também por isso, por ter agido como um homem, por ter se mostrado, disseram seus juízes, ‘sanguinária’” (DUBY, 1997, p. 144).

⁹ Dacanal, tecendo comentário acerca da sociedade caboclo-sertaneja – segundo ele uma mistura das sociedades guerreiras ou das dedicadas ao pastoreio extensivo – explica que “a falta do filho, futuro patriarca a reger o clã, significava, inevitavelmente, a assimilação por parte de outro clã, via casamento, ou o total desaparecimento, via extermínio”, sendo precisamente este último o caso de Diadorim.

Diadorim encerra em si a história daquela família, da qual não restará sequer vestígios. Condenada a ser eternamente o irrealizado, o incompleto, o impossível, a única saída lógica que lhe acena é a própria destruição. Neste sentido, observa José Hildebrando Dacanal:

[...] nada mais lhe restava senão morrer, pois revelar-se em vida como mulher tornava-se tão inviável como inútil já que não possuía mais identidade e não estava mais em condições de equacionar o drama resultante do conflito entre sua função biológica, que exigia um complemento masculino, e sua função *desviada*, que a impedira de encontrá-lo. Riobaldo, sua única e última esperança, empalmara o poder e seguia, sem intermediários, rumo a seu próprio destino, que, como ele há muito vinha percebendo, acabaria necessariamente na Fazenda Santa Catarina, no casamento com Otacília. (DACANAL, 1985, p.30)

Para Diadorim, longe de ser um privilégio ou uma benção, nascer mulher, em uma sociedade tipicamente viril implica em uma maldição, da qual somente conseguirá libertar-se pela “travessia” de um longo e tortuoso caminho, em cujas curvas se oculta o destino fatal, que há de levar-lhe a própria vida. A ela, que teve de travestir-se, que teve de falsear, que teve de sangrar e matar para sobreviver num meio completamente hostil, só o que resta é uma possível redenção, cujo preço é o próprio holocausto – “o corpo claro e virgem de moça, morto à mão, esfaqueado, tinto todo de seu sangue” (ROSA, 2001, p. 207) – no qual toda a sua bravura e potência destruidora serão exigidas, servindo de instrumento ao extermínio do mal, do demo, do Hermógenes. Diadorim, então, é o instrumento de Deus, mandado “por intermédio do *diá*”? Para Suzi F. Sperber, Diadorim é, de fato, a mediadora. “Como mediadora, ela assume o papel santificado conferido à mulher, sobretudo a partir do Romantismo. Mediadora, ela é a Virgem e, pois, permanece virgem” (SPERBER, 1982, p. 95-96).

Ao entregar-se à morte, Diadorim não só livra o sertão do demo, do Hermógenes, como também liberta a si mesma do poder diabólico que a envolvia, permitindo-se adentrar em uma outra dimensão, garantindo, com o gesto final de sacrifício e desprendimento, a redenção e ascensão ao seio de Deus – “A Deus dada. Pobrezinha...” (ROSA, 2001, p. 615). Diadorim, diabólica, sanguinária, torna-se, ao final, uma espécie de “cordeiro de Deus”, cujo sangue é derramado não somente para vingar o pai morto, mas principalmente para libertar do mal o sertão e, em última instância, libertar Riobaldo daquele feitiço que o mantinha inebriado, agrilhado¹⁰. O próprio Riobaldo, aliás, toma consciência, com a morte de Diadorim, que havia um encantamento que naquele momento se desfez: “Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei a mão para me benzer – mas com

¹⁰ O *Malleus Maleficarum* (1991, p. 223) traz, entre outros, o exemplo do padre que é curado de um feitiço após a morte da mulher que o havia enfeitado. Igualmente, cita o caso da mulher que se diz feliz com a própria sentença de morte, uma vez que “através dela havia de se livrar e de escapar do poder do diabo”. A morte da feiticeira, ao que tudo indica, é considerada uma punição terrível, mas necessária, para libertar a si mesma e àqueles a quem houvera enfeitado.

ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores” (ROSA, 2001, p. 615).

Diadorim encerra com sua morte um ciclo místico, no qual principia como Eva tentadora, diabólica; atravessa em meio a guerras, dores e sofrimentos; e, ao final, cumprida sua missão, terminada sua dolorosa travessia, purifica-se pelo sacrifício, por meio do qual transmuta-se em mediadora, redentora, redimindo-se e assumindo o papel santificado da Virgem. Seu trágico desfecho coaduna-se com a narrativa característica do ocidente cristão, cujo núcleo,

[...] situa-se no duplo movimento da história da salvação, que descreve a queda do homem, sua perda da graça divina e da beatitude, abrindo, no entanto, a esperança da redenção, de um resgate espiritual e de uma recuperação da beatitude num outro espaço (o do universo divino da fé e do céu). (ROSENFELD, 1992, p. 17)

Ironicamente, o seu sacrifício também redimirá Riobaldo, o qual, purificado e livre, abstendo-se do mal e da jagunçagem, encontrará a paz e a religiosidade nos braços de Otacília – “De mim, pessoa, vivo para minha mulher, que tudo modo-melhor merece, e para a devoção” (ROSA, 2001, p. 40). O que há em *Grande Sertão Veredas*, portanto, é uma travessia bíblica, a própria travessia do homem, na qual defrontamo-nos com um “Riobaldo-Adão” – na verdade, um Adão às avessas – que parte da Queda para chegar ao Paraíso. Diadorim, portanto, é responsável não só pela promoção de Riobaldo como homem, mas como ser humano.

É através dela que ele deixará a sua triste e vergonhosa posição de menino bastardo e ingênuo, para transitar no mundo dos jagunços-guerreiros, aprendendo valores como lealdade, bravura e honra, destacando-se como chefe e experimentando o poder e as glórias de líder. Entretanto, não podendo revelar-se ao jagunço como mulher, “moça perfeita” que era na realidade, para “Maria Deodorina-Eva”, não há glória, não há recompensa, não há companheiro e, tampouco, paraíso na terra; para ela só mesmo a morte e o eterno renascimento nas memórias do ex-jagunço Riobaldo. Ela “*Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins* – que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor...” (ROSA, 2001, p. 620-621).

Referências

- ANÔNIMO. *Bíblia Sagrada* – Edição da palavra viva. São Paulo: Stampley Publicações Ltda., 1974.
- BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: ed. 34, 1995.

- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- DACANAL, José Hildebrando. *Grande sertão: veredas – guia de leitura*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.
- _____. “Grande sertão: veredas – a obra, a histórica e a crítica”. In: _____. *Era uma vez a literatura...* Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1995. p. 37–55.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no ocidente*. Vol.2: A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento, 1990.
- DUBY, Georges. *Damas do século XII: a lembrança dos ancestrais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GARBUGLIO, José Carlos. *O mundo movente de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1972.
- KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum (O martelo das feiticeiras)*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1991.
- LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MELLO, José Roberto. *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo: Contexto, 1992.
- NUNES, Benedito. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Grande sertão: veredas – Roteiro de leitura*. São Paulo: Ática, 1992.
- SPERBER, Suzi Frankl. *Guimarães Rosa: signo e sentimento*. São Paulo: Ática, 1982.